



Adjetivos graduais e a interpretação de maximizadores e minimizadores

Gradable Adjectives and the Interpretation of Maximizers and Minimizers

Luisandro Mendes de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

luisandro.mendes@ufrgs.br

Resumo: O objetivo principal do artigo é mostrar que a distinção entre adjetivos graduais relativos e absolutos é relevante gramaticalmente em português, e o objetivo secundário é discutir a interpretação dos maximizadores como *completamente* e dos minimizadores como *ligeiramente*. Aplicamos os testes propostos por Kennedy (2007) e verificamos que os modificadores *completamente* e *ligeiramente* são sensíveis à estrutura da escala, como previsto. Contudo, diferentemente do inglês, os adjetivos relativos em português aceitam a modificação pelo minimizador *ligeiramente* na leitura gradual. Mostramos que isso é um efeito da sua semântica, que é sensível a padrões mínimos (sejam eles contextuais ou lexicais). Identificamos também que a classe dos adjetivos que geram escalas fechadas possui duas subclasses: pares como *cheio/vazio* possuem uma escala com lacuna extensional; enquanto um par como *aberto/fechado* possui transição natural entre os polos. Sobre a semântica dos modificadores, vemos que *completamente* possui duas leituras, uma mereológica e uma gradual, enquanto *ligeiramente*, além da leitura gradual, produz uma leitura pragmática de atenuação.

Palavras-chave: semântica; adjetivos graduais; atenuadores; maximizadores.

Abstract: The first aim of the paper is to show that the distinction between relative gradable adjectives and absolute gradable adjectives has grammatical import in Portuguese and the second aim is to discuss the interpretation of maximizers like *completamente* ‘completely’ and minimizers like *ligeiramente* ‘slightly’. We applied the tests suggested in Kennedy (2007) and we verified that the modifiers *completamente* and *ligeiramente* are sensitive to the adjectival scale structure, as predicted. However, unlike English, relative adjectives in Portuguese accept the modification by *ligeiramente* in the degree reading. We show that this is yield by its semantics, which is sensitive

to minimum standards (being them contextual or lexical). We identified that the class of adjectives which have closed scales has two subclasses: pairs like *cheio/vazio* ‘full/empty’ have an extension gap; while pairs like *aberto/fechado* ‘open/closed’ have a natural transition between the sides of the scale. On the modifiers semantics, we saw that *completely* has two readings, one mereological and another gradable, whereas *ligeiramente*, besides the degree reading, yields a pragmatic attenuation reading.

Keywords: semantics; gradable adjectives; attenuators; maximizers.

Recebido em 23 de novembro de 2017

Aceito em 20 de março de 2018

Introdução

A literatura sobre a semântica dos adjetivos, a partir de uma abordagem referencial do estudo do significado, divide o conjunto dos adjetivos graduais em dois subconjuntos: os relativos (1a) e os absolutos (2) (cf. KENNEDY, 2007; KENNEDY; McNALLY, 2005; DEMONTE, 2011; van HOOIJ, 2011; BURNETT, 2014). A diferença básica entre os dois é que os primeiros dependem de dois aspectos contextuais para determinarmos o valor de verdade de uma sentença como (1a), em que o adjetivo é o predicativo: qual é o padrão para os indivíduos serem considerados altos no contexto em que a sentença é proferida e qual é a classe de comparação, *i.e.*, qual é o conjunto de indivíduos que o falante tem em mente quando afirma que $x \text{ é } A$. Em essência, para saber o padrão, temos que saber a que classe de indivíduos João pertence na situação, pois o padrão para ser considerado (positivamente) *alto* pode mudar se João for um menino de dez anos ou um adulto do sexo masculino, por exemplo. Por outro lado, note que, para decidirmos se (2a) é verdadeira, basta que verifiquemos o estado da toalha. Estritamente falando, uma toalha seca é uma toalha sem umidade alguma. Já (2b) será verdadeira se a toalha apresentar qualquer grau de umidade. Isso mostra que adjetivos como os em (2) não dependem de fatores contextuais. Se há algum, ele parece residir na transição entre os polos da escala, como veremos.¹

¹ Note que no exemplo (1) usamos *ser* e nos exemplos em (2), *estar*. *Ser* ficaria estranho com as sentenças em (2). Não vamos discutir essa diferença no artigo, cf. Toledo e Sassoon (2011), mas veja que *alto* é um predicado que denota uma propriedade

- (1) João é alto.
- (2) a. A toalha está seca.
b. A toalha está molhada.

Em resumo, enquanto para se decidir o valor de verdade de (1) dependemos do que se considera como alto (isto é, independe das propriedades físicas do sujeito da oração), para (2) basta que se avalie o estado da toalha (*modulo*, imprecisão, como veremos).

Além dessa diferença entre as duas classes, muitos autores perceberam diferenças entre elas que parecem estar relacionadas com as escalas que os pares de adjetivos polares codificam. Foi essa a motivação de estudos como os de Rotstein e Winter (2004) ou de Kennedy e McNally (2005). Se esse for o caso, então podemos mostrar que essas duas classes de adjetivos envolvem escalas diferentes através de algum modificador que seja sensível à estrutura dessa escala.

Os testes usados para identificar essas estruturas escalares baseiam-se na diferença de interpretação e compatibilidade semântica que os adjetivos apresentam na combinação com modificadores sensíveis ao padrão natural dos adjetivos absolutos ou à ausência dele, no caso dos relativos. Em tese, em português, *completamente* e *totalmente* seriam exemplos típicos de modificadores de grau máximo, como *seco*, enquanto *levemente* e *ligeiramente* seriam sensíveis a adjetivos que requerem apenas um grau mínimo da propriedade, como *molhado*. Já os relativos, que não possuem padrões naturais/lexicais, devem ser anômalos com esses modificadores, segundo preveem Kennedy e McNally (2005) e Kennedy (2007). Mas será que o português brasileiro se comporta como a literatura prevê?

Mostraremos neste artigo que a resposta é afirmativa para os testes propostos por Kennedy e McNally (2005), embora com algumas diferenças sutis. Nesse sentido, veremos que as expressões modificadoras também possuem funções pragmáticas, que precisam ser controladas para que o teste tenha o efeito esperado. Algo previsto, mas discutido rapidamente por Kennedy e McNally (2005). É a essa tarefa que o artigo se dedica na sua maior parte (seção 2). Embora assumo a distinção entre

permanente (*individual-level*), enquanto *seco/molhado* são propriedades transitórias (*stage-level*). Toledo e Sassoon (2011) não exploram a fundo essa correlação, mas mostram que relativos tendem a ser predicados *individual-level*, enquanto absolutos tendem a ser predicados *stage-level*.

adjetivos graduais relativos e adjetivos graduais absolutos, os estudos de Quadros Gomes (2009, 2011, 2012, entre outros) não apresentam claramente os testes e as classes, nem discutem a interpretação dos modificadores maximizadores e minimizadores em seus aspectos semânticos e pragmáticos. Quadros Gomes (2009, 2011, 2012, e outros estudos) discute a interpretação de modificadores como *todo*, *muito* e *bem* e uma das suas conclusões é que os modificadores graduais em português parecem ser insensíveis à distinção entre adjetivos graduais relativos e absolutos, sem fazer uma discussão aprofundada das classes e dos testes para a sua identificação. Preencher esta lacuna é também um dos propósitos do presente artigo.

Na primeira seção (1.1), fazemos uma rápida apresentação de alguns fundamentos da semântica dos adjetivos graduais, a partir de um modelo semântico que assume que temos na ontologia indivíduos como graus, de tipo $\langle d \rangle$, que formam escalas, entendidas como conjuntos de graus ordenados ao longo de uma dimensão. Nessa perspectiva, a diferença entre *alto* e *baixo* se resume a uma diferença de perspectiva (ou ordenamento) ao longo da escala de altura (KENNEDY, 1997, 2007). Autores como van Rooij (2011) e Burnett (2014) buscam dar conta do comportamento dessa classe de adjetivos a partir de um modelo semântico que não assume entidades de tipo $\langle d \rangle$ ou escalas como entidades linguísticas. Sem aprofundar a discussão entre os dois modelos, o que demandaria um artigo inteiramente dedicado ao tema, na abordagem gradual adjetivos graduais são vistos como relações entre indivíduos e graus, predicados de tipo $\langle d, et \rangle$ (von STECHOW, 1984) – uma função de um grau a um indivíduo a um valor de verdade – ou tipo $\langle ed \rangle$, na abordagem de Kennedy (1997, 2007) – uma função de um indivíduo a um grau. Numa abordagem sem graus, todos os adjetivos são de tipo $\langle et \rangle$ – funções de indivíduos a valores de verdade –, e a diferença entre os não-graduais e os graduais é que estes geram lacunas extensionais, isto é, o modelo precisa que algumas funções desse tipo sejam parciais (em algumas situações ela não leva nem ao verdadeiro nem ao falso) para explicar as diferenças entre as duas classes de adjetivos.

Por fim, a seção (3) discute alguns aspectos da semântica do modificador de grau máximo *completamente* e do minimizador *ligeiramente*, visando explicar as leituras atestadas na aplicação dos testes na seção (2.1) e a relação com a semântica dos adjetivos graduais que modificam.

1 Noções básicas da semântica da gradação

1.1 O que são adjetivos graduais

Os adjetivos graduais são adjetivos que denotam propriedades que podem ser graduadas. Essa definição, tomada de Kennedy (1997), soa redundante porque o teste principal para identificar um adjetivo gradual é a possibilidade de ele ser modificado por graduadores lexicais (intensificadores como *muito* ou atenuadores como *pouco*) ou construções graduais (orações comparativas canônicas com *mais/menos...que, tão...quanto*; a oração consecutiva com *tão... que*), pelo menos no caso do português brasileiro e de línguas que exibem expressões graduadoras. O contraste entre (3) e (4) é bem claro.

- (3) a. O João é muito alto.
 b. O João é mais alto que todos os seus irmãos.
 c. O João é tão alto que precisa de calças sob medida.
- (4) a. #A mesa é muito retangular.
 b. #A mesa é mais retangular que a porta.
 c. #A mesa é tão retangular que poderá ser usada para a reunião.

As sentenças em (4) são anômalas semanticamente. Não quer dizer que sejam não-interpretáveis ou agramaticais.² Se interpretáveis, adjetivos não-graduais modificados por graduadores possuem uma leitura diferente da que atribuímos para os casos em (3). Por exemplo, (3a) expressa que “em relação ao conjunto de indivíduos que são positivamente altos no contexto, João se destaca entre eles”, ou “a altura de João excede significativamente o padrão contextual para os indivíduos que são positivamente altos no contexto”. Esta última é a paráfrase usualmente assumida para o papel semântico de expressões como *very* (cf. von STECHOW, 1984; KENNEDY; McNALLY, 2005; DOETJES, 2008); e a primeira seria a paráfrase numa abordagem sem

² Sobre a diferença, ver Heim e Kratzer (1998). Em tese, o sistema gramatical deveria gerar apenas sentenças bem formadas sintaticamente e estas seriam o *input* para a interpretação semântica. Contudo, podemos ter sentenças bem formadas sintaticamente que podem gerar problemas de interpretação. É nesse sentido que vamos nos referir a ‘anomalias semânticas’.

graus (KLEIN, 1980). Não me parece haver motivos para acreditar que essa caracterização não se aplique ao português, pelo menos no caso da modificação adjetival.³ Agora, intuitivamente não faz sentido dizer que (4a) expressa que a mesa possui um alto grau da propriedade ‘retangularidade’ e que estou comparando esse grau com as outras mesas no contexto, ou que a mesa é a mais retangular entre as retangulares. (4a), se interpretável, expressa que o sujeito da predicação exibe um grande número de propriedades que é preciso que um objeto tenha para ser considerado um membro da classe dos objetos retangulares. Ou, de outro modo, que a mesa está muito próxima de um protótipo de um objeto retangular, cf. leitura de Demonte (2011).

Na abordagem proposta por Kennedy (1997, 2007, *inter alia*), a diferença entre os adjetivos graduais e não-graduais é capturada assumindo que os não-graduais são funções de indivíduos a valores de verdade, tipo $\langle e, t \rangle$, enquanto adjetivos graduais são funções de medida, funções (provavelmente parciais) de indivíduos a graus em uma escala, tipo $\langle e, d \rangle$. Exemplificando, o adjetivo *retangular* tem a entrada lexical em (5a), que apresenta sua versão na representação usando lambdas, que explicita seu papel composicional, ou na representação usando a notação da teoria de conjuntos.⁴

- (5) a. $[[\text{retangular}]] = \lambda x_e. \text{RETANGULAR} = \{x: x \text{ é retangular}\}$
 b. $[[\text{alto}]] = \lambda d_d. \lambda x_e. \text{ALTURA}_{\text{alto}}(x) \geq d =$
 $\{d \in D_{\text{ALTURA}} \ \& \ x \in X_{\text{INDIVÍDUOS}}: x \text{ possui pelo menos o grau } d$
 $\text{na escala de altura}\}$

Nesse modelo semântico, o papel de transformar funções de medida em predicados adjetivais é da morfossintaxe gradual. Note que em (5b) não temos o significado esperado para um predicado de indivíduos, pois o primeiro argumento que a função *alto* requer é um

³ Ver também Quadros Gomes (2009, 2012) para alguns argumentos de que o resultado da modificação de adjetivos em português brasileiro e inglês por modificadores como **very** e **muito** possui resultados semânticos diferentes.

⁴ Isso quer dizer que, para se tornar uma expressão completa, o predicado precisa ter seu argumento semântico, representado pela variável x , preenchido por alguma entidade do domínio discursivo, e que essa entidade precisa ser de tipo semântico $\langle e \rangle$, *i.e.*, que esteja dentro do conjunto dos indivíduos no universo do discurso.

grau, não um indivíduo. Tornar a entrada lexical do adjetivo em (5b) uma função de indivíduos a valores de verdade é tarefa de um operador não pronunciado, *pos* (abreviação de ‘positivo’), cuja entrada lexical é dada em (6), adaptada de Kennedy (2007).

$$(6) \quad [[\textit{pos}]] = \lambda G_{ed}. \lambda x_e. \exists d[G(x) \ \& \ d \geq d'_{\text{standard}}]$$

O operador captura dois fatos cruciais: adjetivos graduais tendem a ser vagos (no sentido que pode haver situações em que é difícil decidir se $x \in A$ é verdadeira ou falsa), e o valor da variável d , o grau que o indivíduo exibe da propriedade, é relacionado com um valor contextual, um padrão – o grau d' na fórmula em (6). O grau dado linguisticamente é chamado de ‘grau referencial’. Assim, *pos*, em essência, é a relação “maior ou igual” entre um grau referencial e um grau padrão. Esquemáticamente temos o seguinte: *pos*(grau referencial, grau padrão). A relação entre os dois graus é expressa pelo símbolo ‘ \geq ’ na entrada lexical.

pos requer uma sintaxe como a que vemos em (7). Na Forma Lógica (FL), a relação entre o SN sujeito e o SA predicado é mediada por esse operador, um argumento sintático do adjetivo.

$$(7) \quad \begin{array}{l} \text{a. FL: } [_{SF} [_{SN} x] [_{SV} \textit{é} [_{SA} \textit{pos} [_{A} \textit{Adjetivo}]]]] \\ \text{c. } [[\textit{pos} \ \mathbf{A}]] = \lambda x_e. \exists d[\textit{ESCALA}_{\textit{ADJETIVO}}(x,d) \ \& \ d \geq d'_{\text{standard}}] \end{array}$$

Essa caracterização de *pos* é problemática formalmente, pois para alguns autores ele é uma estipulação abstrata (KLEIN, 1980). De qualquer forma, o operador é uma relação entre um grau de referencial e um grau padrão. No caso dos graduais relativos (que são vagos), esse grau provém do contexto (parece ser uma variável livre, como um pronome não ligado, por isso a variável d' na fórmula (6) não está presa por um quantificador), mas no caso dos absolutos, o grau padrão é ‘natural’, num sentido que será explicado na próxima seção.

Vejamos, então, algumas diferenças entre os adjetivos graduais relativos e os graduais absolutos.

1.2 Os absolutos e os relativos

Na literatura sobre os adjetivos graduais, vários autores perceberam algumas diferenças entre pares de adjetivos dentro do conjunto. Contudo, a síntese dessa diferença só começou a ficar mais

clara a partir dos trabalhos de Rotstein e Winter (2004) e Kennedy e McNally (2005).

Cruse (1980 *apud* ROTSTEIN; WINTER, 2004) percebeu que, no conjunto de adjetivos graduais, há alguns que possuem um comportamento diferenciado em relação à negação. Compare (8) e (9). Em (8a) temos a negação do elemento positivo do par, *alto*, e em (8b) a do negativo, *baixo*. Supondo que *alto/baixo* sejam perspectivas diferentes da escala de altura, a negação nos mostra que não há uma transição natural entre esses dois polos. Afinal, se eu nego que o sujeito é alto, como em (8a), não podemos inferir que o sujeito esteja no lado oposto da escala, pois ele pode estar num ponto intermediário (“-/->” simboliza a impossibilidade de se fazer essa inferência). O mesmo ocorre com a negação de *baixo*, que vemos em (8b). Na verdade, essa é uma característica fundamental da vagueza desse tipo de adjetivo: a lacuna extensional. Adjetivos dessa classe são vagos não porque o que conta como *alto/baixo* muda de um contexto para outro, mas porque há situações em que é difícil decidir se o indivíduo está num lado ou outro do espectro (pense em indivíduos que estão na média, comparando-se com outros da mesma classe) (van ROOIJ, 2011).

- (8) a. A Ana não é alta. -/-> A Ana é baixa.
 b. A Ana não é baixa. -/-> A Ana é alta.

Vejam os que ocorrem agora quando negamos os pares de adjetivos absolutos *limpo/sujo*, que, em tese, como o par acima, também são perspectivas na mesma escala. O que vemos em (9) é que a negação de um acarreta o outro. Adicionalmente, note que no caso (9a) a negação possui um efeito de atenuação, que precisa ser deixada de lado, nesse caso. Por exemplo, ao invés de fazer a afirmação mais forte *A toalha está suja*, o falante escolhe a forma marcada *A toalha não está limpa*. Esse efeito pode ser explicado como uma implicatura. Se o falante está sendo cooperativo, e escolhe usar uma forma mais custosa, com mais material linguístico (violando, portanto, a Máxima do Modo), ele está querendo dizer mais do que disse. Comparando com (9b), vemos que esse efeito não surge, talvez porque *suja* é o elemento negativo (logo, o elemento marcado) do par. Ou seja, embora sejam sinônimas de conteúdo, as sentenças em (9) possuem efeitos pragmáticos diferentes.

- (9) a. A toalha não está limpa. → A toalha está suja.
 b. A toalha não está suja. → A toalha está limpa.

Há alguns falantes que também consideram que podemos admitir como verdadeiro um proferimento como *A toalha está limpa*, mesmo que ela já tenha sido usada uma ou duas vezes (suponha que estamos falando de uma toalha de banho). Esse é o fenômeno que Kennedy (2007) vai chamar de ‘imprecisão’.⁵ Grosseiramente, a imprecisão se distingue da vagueza porque a transição entre os polos de pares que a geram é ‘natural’ (não temos lacunas extensionais). Tomado literalmente, qualquer grau de sujeira já é suficiente para decidirmos se *x está sujo* é verdadeiro ou não. Rotstein e Winter (2004), por outro lado, assumem que esse caso mostraria que mesmo pares absolutos como *seco/molhado* ou *limpo/sujo* estão sujeitos à influência contextual.

É preciso considerar que em certas situações admitimos como limpos objetos que em outras situações poderiam ser considerados sujos. Note que, fundamentalmente, o que estamos mudando é o lugar em que a transição ocorre, em que momento algo passa a ser considerado sujo. Mas isso requer, como estamos vendo, alguma informação contextual: o que conta como *limpo/sujo*; e se há acordo (ou desacordo) entre os falantes em relação a essa transição.⁶ Isso quer dizer que o caso *default* é o que vemos em (9), não essa possível manipulação da transição entre *limpo/sujo*, que um amante de vagueza poderia usar para argumentar que esse par não é muito diferente de *alto/baixo*. Por fim, (10) mostra que, por ocorrerem naturalmente em orações comparativas, esses adjetivos são graduais.

- (10) A toalha azul está mais limpa/suja que a toalha branca.

Um par curioso de adjetivos absolutos é *cheio/vazio*. Para decidir se uma sentença como *O copo está cheio/vazio* é verdadeira, não precisamos olhar para o contexto, apenas para quanto líquido o copo

⁵ Uma noção que Kennedy atribui a Pinkal (1995). Esse fenômeno também pode ser enquadrado naquilo que Lasersohn (1999) vai chamar de ‘auréola pragmática’: admitimos como verdadeiras sentenças que, tomadas em sentido estrito, seriam falsas.

⁶ Isso poderá levar o leitor a se perguntar: mas isso não tornaria esses adjetivos também vagos, já que temos dependência contextual? Em certo sentido sim. A imprecisão seria um tipo de vagueza, em sentido mais amplo. De qualquer forma, tentarei mostrar que há uma diferença básica que separa as duas classes e isso se reflete na combinação com os modificadores. Mais sobre essa diferença ver Kennedy (2007).

contém. Isso quer dizer que esse par não apresenta vagueza, portanto, é um par de adjetivos absolutos por esse critério. Contudo, como vemos em (11) a negação de um elemento do par não acarreta o outro. (11a) mostra que negar que o copo não está cheio, não acarreta que ele esteja vazio. Note que não temos efeito de atenuação nesse caso, justamente pela existência dessa lacuna entre o limite do que conta como cheio e o limite do que conta como vazio. Para exemplificar, suponha que você tenha pedido um copo de suco em um restaurante, e o garçom lhe traga um copo com três quartos da capacidade do copo preenchido com o suco. Você achará a situação inusitada, pois, culturalmente, temos a expectativa de que o copo venha cheio, embora não absolutamente cheio, ou ‘até a boca’. Assim, admitimos que um copo de suco esteja cheio mesmo que ainda reste, digamos, uns 5ml de espaço no copo.

- (11) a. O copo não está cheio. -/-> O copo está vazio.
 b. O copo não está vazio. -/-> O copo está cheio.

Esses fatos ainda são um pouco confusos e não separam claramente as classes: temos relativos sem transição natural, *alto/baixo*; absolutos com transição natural, *limpo/sujo*, *seco/molhado*; e absolutos com lacuna, portanto, sem transição natural, caso de *cheio/vazio*. Cruse (1980) divide esses adjetivos em dois conjuntos: os complementares, como *limpo/sujo*, e os não-complementares, como o *longo/curto*. Mas note que a única evidência até agora para a divisão da classe é o comportamento sob negação.

Cruse (1980) também mostrou que há diferenças na compatibilidade com *almost* ‘quase’, um fato que Rotstein e Winter (2004) exploram com mais cuidado. Esse modificador pode aparecer com diferentes categorias. Por exemplo, em português ele também modifica verbos.⁷ No domínio adjetival, *quase* é anômalo com adjetivos graduais relativos, como *longo/curto*, que não possuem um limite natural, nem mínimo, nem máximo, nem uma transição natural entre os polos, cf. (12a). Claro, podemos,

⁷ Ver Cançado e Amaral (2016) para uma discussão sobre o papel de **quase** na semântica verbal. Esse modificador é sensível à estrutura interna dos eventos, por isso as autoras o usam como teste mais seguro na identificação de *accomplishments*. (i) possui duas leituras: o menino quase iniciou o processo de construir o castelo; ou o menino quase concluiu a construção do castelo de areia.

- (i) O menino quase construiu um castelo de areia.

linguisticamente, criar um limite, como em (12b), em que *o suficiente para participar do concurso* estabelece um grau máximo (suponha que 70 páginas seja o limite mínimo para participar de um concurso literário). (12b) será verdadeira se o livro tiver umas 60, ou entorno disso.

- (12) a. #Esse livro é quase longo/curto.
 b. Esse livro é quase longo o suficiente para participar do concurso.

Comparemos agora com os adjetivos absolutos. Como *limpo* é o final da escala (ausência total de sujeira), um copo quase limpo é um copo que está próximo do grau máximo da escala, mas ainda não está lá. Em contraste, se *sujo* significa “qualquer grau mínimo na escala de sujeira”, ele não impõe um limite máximo natural do que conta como sujo, por isso a anomalia. O leitor poderia considerar que (13b) pudesse descrever um copo que ainda não estivesse sujo o suficiente. Mas veja que neste caso, provavelmente, a interpretação envolve algum limite posto na situação, algo como *esse copo está quase sujo para ser trocado por outro limpo* ou *esse copo está quase sujo o suficiente*. Veja que o par *seco/molhado* se comporta da mesma forma – supondo que *seco* é “ausência de umidade” (isto é, o grau 0 na escala de umidade) e *molhado* “qualquer grau mínimo de umidade”.

- (13) a. Esse copo está quase limpo.
 b. #Esse copo está quase sujo.

- (14) a. A toalha de banho está quase seca.
 b. #A toalha de banho está quase molhada.

Claro. Há uma diferença importante aqui. Mesmo que possamos criar um contexto em que *quase longo/curto* seja aceitável, ou com *quase sujo*, não precisamos disso para *quase limpo*.

Rotstein e Winter (2004) nomearam os adjetivos como *limpo* ‘totais’ (= nenhum grau de sujeira) e os como *sujo* ‘parciais’ (=algum grau de sujeira). E discutiram como a semântica de *almost* ‘quase’ se articula com a estrutura das escalas desses dois tipos de adjetivos. Para eles, *almost* é bom com totais e ruim com parciais porque requer um predicado que denote uma estrutura escalar com limite máximo. Na proposta deles, *almost A* denota um intervalo curto na escala associada a

A , que é disjunto à denotação de A , mas adjacente a ele. Uma toalha quase seca está muito próxima do grau máximo de seca, mas ainda não está lá. Uma toalha quase molhada é inaceitável porque qualquer grau mínimo de umidade já torna a toalha molhada. Assim, a escala de molhado supõe apenas um mínimo, mas não um valor máximo, deixando a modificação por *almost* indefinida, por isso a anomalia em exemplos como (15b) e (16b) – exemplos dos autores.

- (15) a. The towel is almost dry.
 b. #The towel is almost wet.
- (16) a. The towel is wet but it is almost dry.
 b. #The towel is dry but it is almost wet.

Em essência, para os autores os adjetivos graduais estariam associados a três tipos de escalas: i) adjetivos relativos: escala aberta, com padrão mínimo contextual; ii) adjetivos totais: escala com padrão máximo lexical; iii) adjetivos parciais: escala com padrão mínimo lexical. Na proposta deles, a escala é particular a cada adjetivo, não ao par de adjetivos polares, como veremos em seguida.

Por sua vez, Kennedy e McNally (2005) e Kennedy (2007) propõem que temos quatro tipos de escalas e que a estrutura da escala é única para cada par. Para eles, a diferença básica entre as duas classes pode ser resumida na forma como esses adjetivos requerem um padrão. Enquanto os relativos possuem um padrão que varia contextualmente e são vagos, os absolutos possuem um padrão natural/lexical e são imprecisos.⁸ A estrutura das escalas é representada da seguinte forma:

- | | |
|---------------------------|---------|
| a) totalmente aberta | (-----) |
| b) fechada no grau mínimo | [-----] |
| c) fechada no grau máximo | (-----] |
| d) totalmente fechada | [-----] |

⁸ Isso gera um problema para a semântica de *pos* tal como definida na primeira seção. De alguma forma, *pos* é capaz de saber quando o padrão precisa ser buscado no contexto e quando ele é dado lexicalmente. A segunda parte do artigo de Kennedy (2007) é uma discussão profunda que tenta justamente lidar com esse aparente paradoxo no seu modelo: se absolutos não dependem de contexto, *pos* seria apenas uma função para transformá-los de funções de medida em predicados de indivíduos?

Se essas diferenças são relevantes linguisticamente, poderemos, então, mostrar que são detectáveis. Assim, teremos estruturas em que a codificação de uma escala ou outra se reflete na interpretação que o adjetivo possui quando modificado por algum graduador. Ou, ainda, que teríamos modificadores, como *quase*, que selecionam certos tipos de escalas e rejeitam outras,⁹ produzindo alguma anomalia.

Passemos, então, aos testes.

2 Diferentes escalas adjetivais

2.1 Os testes

Na seção anterior discutimos a motivação para separar o conjunto dos adjetivos graduais em duas classes a partir da descoberta de comportamentos diferenciados dos adjetivos graduais em relação a algumas expressões. Cruse (1980) mostrou que sob negação as inferências são diferentes e que *almost* ‘quase’ não é compatível com todos os adjetivos graduais por ser sensível a limites. Rotstein e Winter (2004) exploram esses testes e incluem ainda a compatibilidade com modificadores como *completely* e *slightly*. Vamos, nesta seção, partir da síntese dos testes feita por Kennedy e McNally (2005), que usam os modificadores maximizadores e minimizadores como diagnóstico para identificar padrões naturais. Iremos explorar esses testes e a interpretação dessa classe de modificadores em português brasileiro. Como dissemos na introdução, estudos como os de Quadros Gomes (2009, 2011, 2012) assumem a distinção entre adjetivos graduais relativos e absolutos para discutir a semântica de modificadores graduais como *todo*, *muito* e *bem*, mas sem discutir a semântica e a pragmática dos maximizadores e minimizadores, tarefa desta e da próxima seção.

Kennedy e McNally (2005) propuseram testes para verificar se a escala possui um padrão mínimo ou máximo natural ou não. Se a escala

⁹ Essa é uma hipótese discutida em Doetjes (2008), para explicar por que as línguas exibem modificadores que parecem transitar entre categorias próximas, caso de *very* e *a lot* ‘muito’, entre outros modificadores no inglês; enquanto outras línguas exibem modificadores que aparentam não fazer qualquer tipo de restrição de categoria, caso do nosso **muito**, que, apesar disso, faz seleção semântica. Isso explicaria porque *very* produz anomalias com alguns adjetivos não-graduais e adjetivos absolutos de grau máximo, como defendem Kennedy e McNally (2005).

possui como padrão um limite máximo, modificadores como *completely* ‘completamente’, 100% e *fully* ‘totalmente’, seriam sensíveis a esse máximo, seja ele presente no elemento positivo ou negativo do par. No uso em que essas expressões identificam o grau máximo, o acarretamento é que o máximo da escala foi atingido,¹⁰ por isso a anomalia em (17a). Note que em (17b) temos uma passiva adjetival que pode ser modificada por *completamente*. Esse também parece ser um uso gradual, embora não identifique um grau máximo (intuitivamente não há um grau máximo em que alguém possa estar encantado por outra pessoa), por isso a sentença (17b) não é anômala.¹¹

- (17) a. #A linha está completamente reta, mas dá para deixá-la ainda mais reta.
 b. Estou completamente encantado pela Maria, e aposto que se conhecê-la melhor ficarei mais encantado ainda.

Por ora esse é o fato que nos interessa: *completamente* identifica o grau máximo na escala do adjetivo, mas apenas se ele estiver lá, na semântica do predicado. Veremos também ao longo desta seção que ele também possui uma leitura mereológica. Nessa leitura, todas as partes de *x* possuem a propriedade. Assim, uma linha descrita como *completamente reta* seria uma linha com todas as suas partes retas. Na terceira parte deste artigo, veremos mais detalhes sobre a semântica desse modificador.

Kennedy (2007) propõe um teste adicional para identificar padrões mínimos com os modificadores *slightly* ‘ligeiramente’ e *partially* ‘parcialmente’. Assim, para que (18a) seja verdadeira, basta que a corda apresente um pequeno grau de curvatura. É esta a leitura que se espera que esse tipo de modificador capture. Mas logo veremos que parece haver outra, pelo menos em português.

- (18) a. The rope is slightly bent.
 b. The floor is slightly dirty.

¹⁰ Na nossa visão, não estamos diante de um acarretamento, mas de uma pressuposição, como veremos na seção 3.

¹¹ Para Kennedy e McNally (2005), a leitura gradual de (17b) é uma implicatura, já que literalmente a frase expressa que todas as minhas partes estão encantadas pela Maria. Se não for assim, esse uso é problemático para a semântica dessa expressão tal qual proposta aqui na seção 3.

A tabela 1 resume a previsão da compatibilidade. MIN/MAX são os tipos de modificadores, e A_{pos} e A_{neg} correspondem ao adjetivo positivo e ao negativo num par de antônimos graduais.

TABELA 1 – Compatibilidade entre modificadores e adjetivos graduais

Mod	Aberta		Fechada embaixo		Fechada em cima		Fechada	
	MIN	MAX	MIN	MAX	MIN	MAX	MIN	MAX
A_{pos}	#	#	OK	#	#	Ok	Ok	Ok
A_{neg}	#	#	#	Ok	Ok	#	Ok	Ok

Fonte: baseada em Kennedy e McNally (2005).

Vejamos se os equivalentes em português se comportam como previsto. Os testes foram aplicados aos adjetivos usados por Kennedy (2007) na sua tradução para o português e por simplicidade usei somente *completamente* como identificador de grau máximo e *ligeiramente* como identificador de grau mínimo.

Escala totalmente aberta: como nesses adjetivos tanto o elemento negativo, quanto o positivo do par não possuem um grau máximo ou mínimo natural, a previsão é que sejam incompatíveis com modificadores que identifiquem esses graus. Contudo, não é isso que vemos abaixo, para os pares de adjetivos graduais *alto/baixo* e *profundo/raso*.¹² Compare com os exemplos do inglês em (21).

¹² Vou usar a convenção de apresentar sempre o elemento positivo à esquerda da barra, seguido pelo elemento negativo. Como sabemos quem é o positivo e o negativo num par de antônimos graduais requereria outro artigo. Como ilustração, cf. Leher (1985) para uma apresentação dos testes para se identificar quem é quem num par de adjetivos graduais, os “verdadeiros antônimos” para Cruse (1986) e Lyons (1977). Como exemplo, note que tendemos a formar perguntas usando o elemento positivo do par:

- (i) a. O quão profundo é o lago?/Qual a profundidade do lago?
- b. O quão raso é o lago?/#Qual a rasidade do lago?

Note também que enquanto (ia) não pressupõe que o lago seja raso ou profundo, (ib) carrega a pressuposição de que o lago é raso. A noção de marcação também poderia ser relevante para distinguir os pares, sendo a forma positiva a não-marcada, enquanto a negativa seria a marcada. Note que a forma positiva possui usos mais amplos, inclusive neutralizados, como o uso nas questões em (ia).

- (19) a. Aquele homem é #completamente/ligeiramente alto.
 b. Aquele homem é #completamente/ligeiramente baixo.
- (20) a. Aquele lago é #completamente/ligeiramente profundo.
 b. Aquele lago é #completamente/ligeiramente raso.
- (21) a. #perfectly/#slightly {tall, deep}
 b. #perfectly/#slightly {short, shallow}

Como não há um grau máximo de altura que algum indivíduo possa exibir a modificação por *completamente* é indefinida. Precisamos ter cuidado com esse caso porque o modificador é ambíguo entre uma leitura mereológica e uma gradual. A interpretação que nos interessa é aquela em que *completamente* identifica o grau máximo da propriedade. Um lago *completamente profundo* é um lago que em toda a sua extensão pode ser considerado profundo, não um lago que tem o grau máximo de profundidade. Assim (20a) é interpretável apenas na leitura mereológica, não na gradual. O que o ‘#’ representa em (19-20), e nos casos subsequentes, é que a sentença não possui a interpretação gradual desejada. Note que essa leitura não fica tão clara para o sujeito de *alto/baixo* em (19), que é anômala nas duas leituras.¹³

As sentenças com *ligeiramente* não apresentam anomalia, em contraste com os exemplos do inglês. Por que essa diferença? Claro, temos que nos perguntar qual seria a interpretação intuitiva dessas sentenças. Note que exemplos “reais”, como (22), não nos ajudam, embora, nos dois casos, o garoto e o colesterol são altos e não há nenhum padrão funcional no contexto, como Solt (2011) sugere ser necessário para que minimizadores sejam aceitáveis com adjetivos relativos em inglês. Se fosse esse o caso, *ligeiramente alto* poderia descrever um indivíduo sem que ele seja positivamente alto, isto é, alto para um garoto.

¹³ Um dos pareceristas questiona se seria possível prever que adjetivos gerariam a leitura mereológica. Não é fácil responder essa dúvida. Note que no caso dos pares de adjetivos relativos em (19-20), *alto/baixo* não geram leitura mereológica com *completamente*, enquanto *raso/profundo* sim. Veremos que com os adjetivos graduais absolutos sempre parece ser possível uma leitura mereológica com esse modificador, embora ela soe bem mais estranha do que com relativos como *alto/baixo*. No momento não tenho uma reflexão mais sistemática para explicar essa diferença e também desconheço quem tenha discutido o problema.

- (22) a. [...] até que um garoto ligeiramente alto, de cabelos e olhos castanhos surgiu nervoso dentro do espelho. (*A. Fantin, Kal Foster e o mestre das sombras, 2013*)
- b. O colesterol está ligeiramente alto, ou seja, longe de ser motivo de preocupação. (<http://bit.ly/2zqH08x>)

Ligeiramente baixo é um predicado que descreveria um indivíduo que apresenta um grau que é apenas um pouco maior do que o grau padrão de baixo. Comparemos (19a) e (19b) com (23a) e (23b), respectivamente.

- (23) a. Aquele homem é alto.
- b. Aquele homem é baixo.

A questão é: estamos diante de uma leitura de atenuação ou uma leitura gradual? Se a leitura é de atenuação, não é essa leitura que queremos (afinal, ela é um efeito pragmático, portanto, pós-proposicional), pois esperamos que esses modificadores identifiquem o grau mínimo da propriedade. Veja que (20a) poderia ter essa leitura. *Ligeiramente profundo* poderia servir para descrever um lago que é profundo, mas que por algum motivo (atenuação de uma proposição alternativa mais forte: “o lago é profundo”) o falante quer expressar que o grau de profundidade que o lago em discussão apresenta é apenas um pouco superior ao padrão de profundo.

Também podemos pensar que as sentenças com *ligeiramente* são interpretáveis porque, para se estar na extensão positiva de um adjetivo relativo qualquer, é preciso estar pelo menos dentro do trecho da escala que envolve os indivíduos que possuem um grau mínimo qualquer para estar nesse conjunto, como vimos na seção 1.1. Assim, se o indivíduo é alto, ele possui um grau de altura que é maior ou igual ao padrão contextual, ou seja, ele possui um grau mínimo dentro do intervalo positivo na escala de altura. A leitura provável, então, é de atenuação, pois a leitura gradual soa redundante: se o indivíduo se qualifica como *alto/baixo* na situação, se segue da semântica desses predicados que ele possui um grau mínimo na escala. Mas se quisermos insistir na leitura gradual, poderíamos considerar que a relação expressa por *pos*, “pelo menos”, deixe vaga a relação entre o grau que o indivíduo exhibe e o grau padrão, e que *ligeiramente* opere nesse trecho da escala, deixando a declaração mais precisa. Dessa forma, a proposição expressa por (19a) deverá ser

algo como: “o grau que aquele homem exhibe na escala de altura excede ligeiramente o grau padrão dado contextualmente para ser alto”. Ou seja, o minimizador poderia ter uma leitura gradual proposicional, e a leitura de atenuação surgiria como um efeito pragmático, se o contexto demandar, afinal, um lago ligeiramente profundo continua sendo um lago profundo.

Solt (2011) nota que *slightly* (e outros modificadores de grau mínimo, como *a bit* ‘um pouco’) são interpretáveis, via coerção, com adjetivos dessa classe com uma leitura de excesso. Para a autora, intuitivamente, *slightly tall* é um predicado verdadeiro de um indivíduo se sua altura excede por um pequeno grau a altura máxima compatível com os propósitos da situação.¹⁴ Se é esse o caso, deveríamos esperar que sentenças como (24) não fossem contraditórias. Além disso, *slightly tall* não acarreta que o sujeito é alto. Parece-me que esse é o caso. Se em português for assim também, como vemos em (24b), isso quer dizer que não estaríamos diante de uma leitura gradual em (19a)?

- (24) a. John is slightly tall for 12 year old kid, but he is still a short guy.
 b. O João é ligeiramente alto para um garoto de 12 anos, mas ele ainda é um menino baixo.

Acreditamos que não. *Para um garoto de 12 anos* é um sintagma que insere um padrão funcional na sentença. Assim, o que *ligeiramente* modifica não é *alto*, mas *alto para um garoto de 12 anos*, por isso (24b) não é uma contradição. Comparando com (19-20), *ligeiramente*, nos parece, possui uma leitura gradual mesmo na ausência de um padrão funcional implícito.

Logo, vemos que alguns modificadores são, de fato, compatíveis com adjetivos de escalas abertas, mas as leituras que surgem são variadas. *Ligeiramente* pode ter uma leitura de atenuação ou uma leitura de “x apresenta um grau um pouco maior do que o padrão”. Além disso, há a influência de padrões funcionais. A influência desses padrões é geral em português, e parece ter efeito de tornar o adjetivo uma função de medida que mapeia o sujeito em um espectro na escala, sem se comprometer com

¹⁴ Para dar conta dessa semântica, Solt (2011) assume também que temos outro tipo de padrão, um padrão funcional, ao lado do padrão contextual dos relativos e do padrão lexical (máximo ou mínimo) para os absolutos.

sua posição acima do padrão contextual. Comparemos (25a) e (25b), para ilustrar a diferença entre o padrão relativo e o funcional.

- (25) a. O João é muito alto para ser jóquei.
b. O João é muito alto.

Note que em (25a) o sujeito pode ser baixo que mesmo assim a sentença é verdadeira. Já em (25b) não. Vários autores (KLEIN, 1980; von STECHOW, 1984; KENNEDY; McNALLY, 2005) notam que desta sentença podemos inferir que o João é alto. Assim, a diferença entre o uso dos adjetivos em (a) e (b) acima é que o padrão de alto no primeiro caso é dado pela construção de finalidade, e nesse sentido é um padrão funcional, enquanto o padrão no segundo caso é dado situacionalmente, isto é, o que no contexto conta como “muito alto”, e nesse caso estamos diante de um padrão dito relativo. Na seção 3 voltaremos a discutir mais alguns aspectos da semântica de *ligeiramente*.

Por sua vez, *completamente* também apresenta leituras em que a combinação com adjetivos relativos é interpretável e gramatical, mas apenas na leitura mereológica. Assim, um lago descrito como *completamente profundo* é um lago cujas todas as suas partes podem ser descritas como positivamente profundas.

Abaixo, em (26) vemos a estrutura da escala com mais detalhes. A escala de altura também pode ter um parâmetro independente para os indivíduos que são considerados altos, um para os que são considerados baixos, e uma lacuna, onde estariam aqueles indivíduos que geram incerteza: não sabemos dizer se eles possuem ou não a propriedade de ser alto ou baixo no grau positivo. Como já vimos, *alto* e *baixo* podem ter parâmetros independentes.

(26) Estrutura da escala: $(\overset{p_b}{\text{-----}}|\overset{p_a}{\text{----}}|\text{-----})$
altura: baixo alto

onde: p_b = padrão de baixo; e p_a = padrão de alto

Escala fechada embaixo: nesse caso, o polo positivo precisa apresentar apenas um grau mínimo da propriedade ($A_{\text{pos}} \geq \text{min}$), enquanto o negativo precisa estar no final da escala (ou muito próximo disso) ($A_{\text{neg}} = \text{max}$). Por exemplo, um arame curvo precisa apresentar um grau mínimo

de curvatura, enquanto um arame reto precisa apresentar o grau máximo da propriedade (ou o grau 0 na escala de curvatura). Em (27) temos o teste aplicado ao par *curvo/reto* e em (28) ao par *ondulado/plano*.¹⁵

- (27) a. O arame está #completamente/ligeiramente curvo.
 b. O arame está completamente/#ligeiramente reto.
- (28) a. A estrada está #completamente/ligeiramente ondulada.
 b. A estrada está completamente/#ligeiramente plana.

No caso de *curvo/reto*, contextualmente, podemos criar situações ‘imprecisas’, situações em que um arame com uma leve curvatura ainda possa ser considerado como reto. Podemos assumir, nesse caso, a proposta da ‘auréola pragmática’ de Lasersohn (1999). A auréola pragmática de um predicado engloba situações em que mesmo que a sentença seja falsa, estritamente falando, admitimos que ela seja verdadeira. Por exemplo, um arame com apenas uma leve curvatura ainda assim pode ser considerado como um arame reto, dependendo dos propósitos na situação, ou da tolerância dos falantes em admitir que ele está reto, mesmo que não completamente reto.

Completamente curvo pode ser interpretado, mas não na leitura desejada. Um arame *completamente curvo* seria um arame com uma curvatura ideal, com a forma de uma parábola, digamos. Veja que é o mesmo que temos com (28a). Uma estrada completamente ondulada é uma estrada com ondulações em toda a sua extensão, não com o grau máximo de ondulação (que não é possível de se obter). Como a escala não possui um grau máximo, apenas um mínimo, os adjetivos positivos nesses dois pares são incompatíveis com *completamente* na leitura gradual.

Note que *ligeiramente* é perfeito com os elementos positivos do par, como previsto na tabela 1 ($A_{\text{pos}} \geq \text{min}$). Esperamos que esse tipo de modificador identifique o grau mínimo, e é isso o que eles fazem nesses casos. Um arame ligeiramente curvo é um arame que apresenta um pequeno grau de curvatura; enquanto uma estrada ligeiramente

¹⁵ Essa caracterização é contraintuitiva. Se *curvo* é o positivo e *reto* o negativo, a escala deveria ser fechada em cima: [----]. Mas note que na representação das escalas o negativo aparece à esquerda e o positivo à direita. Vamos seguir com essa representação, pois é a costumeira na literatura.

ondulada apresenta um pequeno grau de ondulação em algum ponto da sua extensão.

É possível também termos uma leitura de atenuação com *ligeiramente curvo/ondulado*. Suponha que o interlocutor estivesse esperando o oposto, digamos, um arame completamente reto, e alguém lhe traz um arame com uma leve curvatura. Um arame ligeiramente curvo, isto é, com um grau pequeno acima do grau mínimo na escala de curvatura, já não é mais reto.

Em (29) temos a estrutura da escala, em que a barra representa a transição natural. A imprecisão reside justamente nessa passagem, que aparentemente pode ser regulada, permitindo que objetos levemente curvados possam contar como retos em alguns casos. Alternativamente, como Rotstein e Winter (2004), podemos assumir que o lado positivo, a escala de *reto*, seja um intervalo que não envolva um único ponto (ou intervalo), deixando espaço para a imprecisão. A primeira opção me soa semanticamente mais econômica.

(29) Estrutura da escala: curvatura [---|-----)
Reto *curvo*

Escala fechada em cima: nessa escala, o adjetivo positivo do par requer um grau máximo como padrão ($A_{\text{pos}} = \text{max}$), enquanto o polo negativo requer um grau mínimo ($A_{\text{neg}} = \text{min}$). Exemplificando, no par *seguro/perigoso*¹⁶ para que um objeto seja seguro ele não deve apresentar nenhum grau de falta segurança, enquanto para que seja considerado perigoso ele precisa apresentar qualquer grau de falta de segurança. O mesmo vale para o par *puro/impuro*.

¹⁶ O leitor poderá se perguntar por que nesse caso a oposição é entre *seguro/perigoso* e não entre *seguro/inseguro*. Note que *inseguro* parece ser um adjetivo que qualifica melhor seres animados, enquanto é esquisito com não-animados.

(i) a. O carro é perigoso/#inseguro.

(ii) b. O aluno é #perigoso/inseguro.

Um ser humano chamado de *inseguro* é alguém que não tem segurança em si (ou nos outros), e alguém dito *perigoso* é alguém que pode causar perigo para si e para outros. Essa é uma caracterização grosseira, obviamente.

- (30) a. O brinquedo novo do parque é completamente/#ligeiramente seguro.
 b. O brinquedo novo do parque é #completamente/ligeiramente perigoso.
- (31) a. A prata nesse anel é completamente/#ligeiramente pura.
 b. A prata nesse anel é #completamente/ligeiramente impura.

Em (30a), a combinação com *completamente seguro* é ambígua. Temos a leitura mereológica, “todas as partes do brinquedo possuem o grau máximo na escala de segurança”, e a leitura gradual, “o brinquedo possui o grau máximo na escala de segurança”. Já *ligeiramente seguro* é estranha na leitura gradual. A sentença é perfeita se atribuirmos a ela uma leitura de atenuação: o brinquedo é perigoso (logo, não é seguro), mas como o falante não quer se comprometer com essa afirmação, usa a forma *ligeiramente seguro*. Talvez essa seja uma estratégia de controlar essa leitura “real”, digamos assim, da atenuação: ao invés de afirmar o oposto na escala, que seria a afirmação mais forte discursivamente, afirmo o outro lado da escala usando um atenuador.

Comparando (32a) e (32b), poderíamos afirmar que elas são cognitivamente sinônimas (CRUSE, 1986), no sentido em que expressam a mesma proposição. Isso faz sentido se assumirmos como Rotstein e Winter (2004) que o padrão mínimo do adjetivo total (se isso for possível) é igual ao padrão mínimo do adjetivo parcial em um par – explicando a complementaridade atestada por Cruse (1980). Note que, se *seguro* é um adjetivo de grau máximo, não tem como *ligeiramente* identificar um grau acima do padrão. Daí a inferência que o ouvinte pode fazer de que o falante está se referindo ao outro espectro da escala. Alternativamente, se, como dissemos acima, o adjetivo total do par envolver um espectro na escala que envolve não apenas um grau máximo (um ponto), mas um intervalo, usos como (32a) poderiam ser considerados como modificação gradual regular – anulando a hipótese de sinonímia de conteúdo em (32). Note que podemos ter uma interpretação de atenuação, pois se o sujeito possui um grau de segurança, a expectativa é de que seja o grau máximo (ausência de periculosidade). Se a segurança que o objeto exhibe é um pequeno grau, isso leva o ouvinte a inferir que ele possui também algum grau de insegurança. Afinal, se o falante tivesse evidências de que o brinquedo é completamente seguro ele teria usado a forma não marcada.

- (32) a. O brinquedo novo do parque é ligeiramente seguro.
 b. O brinquedo novo do parque é perigoso.

Veja que com *completamente perigoso* temos uma leitura de ênfase, pois, em tese, não deveria ser possível um grau máximo de perigo, assim, se (30b) é interpretável, a leitura que temos não deve ser a de que o brinquedo apresenta o grau máximo na escala de perigo. Em (30b) *ligeiramente perigoso* gera ambiguidade. Temos a leitura de atenuação (afinal, o brinquedo é perigoso) e a literal, que identifica um grau mínimo: “o brinquedo apresenta um grau que excede ligeiramente o grau mínimo na escala de periculosidade”.

Com o par *puro/impuro* os julgamentos já não me parecem tão simples. É provável que esses adjetivos tenham um uso relativo também.¹⁷ Na química, por exemplo, pode-se falar dos graus de pureza de uma solução. No caso que temos em (31), a declaração em (31a) é verdadeira se a prata não apresentar nenhum grau de impureza, se ela for 100% pura. No outro caso, talvez quimicamente uma solução possa ser *ligeiramente pura*, isto é, apresentar um grau mínimo de pureza, mas creio que estaríamos fazendo uma atenuação, ao invés de fazermos a afirmação mais forte e adequada descritivamente: *a solução é impura*. Por sua vez, em (31b) *completamente impura* gera anomalia porque se o metal no anel apresentar um grau máximo de impureza ele já não é mais prata e será outra coisa. Contrastivamente, *ligeiramente impura* é boa porque qualquer grau mínimo de impureza já conta como impuro.

Por fim, é provável que a imprecisão com esses pares seja mais relaxada. Isso quer dizer que em algumas situações admitimos que *x* é *puro* mesmo que *x* apresente um grau considerável de impureza.

- (33) Estrutura da escala: (-----|---]
 pureza: *impuro* *puro*

¹⁷ Mesmo assim, admitir que no uso simples tenhamos um adjetivo absoluto e no uso modificado tenhamos um uso relativo, não me parece uma solução econômica do ponto de vista do léxico. Afinal, precisaríamos de algum tipo de operação que possibilitasse ao falante transitar entre esses diferentes ‘sentidos’ (supondo que o fenômeno seja um tipo de polissemia) do adjetivo, algo como uma operação de mudança de tipo.

Escala totalmente fechada: tanto a versão positiva quanto a negativa da escala possuem um limite máximo ($A_{\text{pos}} = \text{max}$ e $A_{\text{neg}} = \text{max}$). No exemplo abaixo, para que uma sala esteja cheia, ela deve estar com a sua capacidade completa, e para estar vazia, ela deve estar desocupada (*modulo* imprecisão).

Há uma diferença importante entre os pares *cheio/vazio* e *aberto/fechado*. Eles possuem comportamento diferenciado em relação à negação, como vimos em (11): negar que a sala esteja cheia não acarreta que a sala esteja vazia. Ou seja, isso nos mostra que a escala de *cheio/vazio* não possui uma transição natural entre um polo e outro, e que ela envolve uma lacuna extensional. Já no outro caso, o par *aberto/fechado* apresenta uma transição natural, como os outros absolutos que vimos acima: se a porta não está aberta, então está fechada (e vice-versa).

Essas diferenças são visíveis na interpretação com os modificadores em (34).

- (34) a. A sala está completamente/#ligeiramente cheia.
b. A sala está completamente/#ligeiramente vazia.

(34a-b) devem ser ambíguas com *completamente* (leitura mereológica e gradual), como os outros adjetivos absolutos que requerem um padrão máximo. *Ligeiramente cheia/vazia* só é interpretável na leitura de atenuação.

A previsão de Kennedy (2007) era que os modificadores de grau máximo e mínimo fossem compatíveis com os dois polos e isso não se confirma. *Ligeiramente* não é totalmente aceitável com os dois elementos. Isso faz sentido, se pensarmos que não há um grau mínimo que conte como cheio ou vazio. Para um copo estar cheio, ele precisa estar na sua capacidade máxima (ou próximo disso), e para estar vazio precisa não conter nenhum conteúdo, ou uma quantidade ínfima. Assim, ser incompatível com modificadores que identificam graus mínimos é fruto da semântica dos adjetivos, explicando a anomalia.

Agora, vejamos o que acontece com o par *aberto/fechado*, que como vimos envolve uma transição natural.

- (35) a. A janela está completamente/ligeiramente aberta.
b. A janela está completamente/ligeiramente fechada.

Aberto/fechado é compatível com os dois conjuntos de modificadores, mas *completamente* gera apenas a leitura gradual, enquanto *ligeiramente* talvez possa ter leitura de atenuação também. Isso é natural se pensarmos no tipo de situação que *aberto/fechado* descrevem. Uma janela *completamente aberta* é uma janela com o grau máximo de abertura. A leitura mereológica é estranha, pois uma janela completamente aberta parece pressupor que todas as partes que compõem a janela estejam abertas. Uma janela também pode estar minimamente aberta, por isso a combinação com *ligeiramente* é possível. *Fechado* não me parece exatamente a mesma coisa. Uma janela completamente fechada é uma janela sem nenhum grau de abertura. Mas o que seria uma janela ligeiramente fechada? Logicamente, deveria ser uma janela com apenas um grau mínimo de ‘fechadura’, isso quer dizer, então, que a situação descrita por (35b) também poderia ser descrita por (35a): *ligeiramente aberta* = *ligeiramente fechada*. Assim, essas duas sentenças são sinônimas, o que me soa razoável intuitivamente, assumindo a proposta de Rotstein e Winter (2004) que vimos acima: o padrão do polo que requer um grau máximo é igual ao padrão do outro lado do polo. Assim, minimamente aberto é igual a minimamente fechado.

(36) a. Estrutura da escala: [-----|-----]

abertura: fechado aberto

b. Estrutura da escala: [-|-----|--]

preenchimento: vazio cheio

2.2 Comentários sobre os testes

Em relação aos testes de Kennedy (2007), esperamos ter mostrado que a distinção entre relativos e absolutos é gramaticalmente relevante em português. Até aí nenhuma novidade. Contudo, vimos duas diferenças: (i) os adjetivos relativos são compatíveis com minimizadores na leitura gradual; e (ii) parece-nos que dentro dos adjetivos de escala fechada temos um subgrupo que envolve adjetivos que possuem tanto um padrão mínimo quanto um padrão máximo, caso de *fechado/aberto*, que contrasta com *vazio/cheio*, cujo padrão é só o grau máximo na escala.

Desta forma, a tabela 1, com os casos discutidos, fica revista como abaixo.

TABELA 2 - Combinação dos modificadores com escalas fechadas em PB

<i>Mod</i>	<i>Aberta</i>		<i>Fechada embaixo</i>		<i>Fechada em cima</i>		<i>Fechada I (cheio/vazio)</i>		<i>Fechada II (aberto/fechado)</i>	
	MIN	MAX	MIN	MAX	MIN	MAX	MIN	MAX	MIN	MAX
A_{pos}	Ok	#	OK	#	#	Ok	#	Ok	Ok	Ok
A_{neg}	Ok	#	#	Ok	Ok	#	#	Ok	Ok	Ok

Fonte: o autor.

O problema teórico consiste em capturar essas diferenças formalmente. Vimos que o padrão dos relativos é dado contextualmente, via *pos*. Assim, a semântica dos adjetivos graduais relativos é uma simples função de medida, que mapeia um indivíduo no grau que ele exibe na escala dada pelo predicado (no intervalo positivo ou negativo, dependendo do adjetivo).

Um adjetivo absoluto, nesse modelo semântico, deveria ser uma função de medida, cujo grau de comparação é dado lexicalmente. Como vimos, para julgar se uma sentença como *O arame está torto* é verdadeira, não precisamos olhar para o contexto, precisamos olhar apenas para o grau que o sujeito exibe na escala de curvatura e se esse grau corresponde ao grau mínimo na escala. Já, para decidir se uma sentença como *O arame está reto* é verdadeira, também olhamos para o grau que o arame exibe na escala de curvatura, e vemos se esse grau é o máximo (no caso, 0 grau de curvatura). Portanto, o grau que *pos* requer para relacionar já é dado lexicalmente, como vemos nas entradas lexicais em (37) (cf. KENNEDY, 2007).

- (37) a. $[[A_{min}]] = \lambda d_d. \lambda x_e. [ESCALA_{Adjetivo}(x) = d \ \& \ d \geq \min(EA)]$
 b. $[[A_{max}]] = \lambda d_d. \lambda x_e. [ESCALA_{Adjetivo}(x) = d \ \& \ d = \max(EA)]$

Onde: EA = Escala do Adjetivo

Queremos que a denotação do SA seja como vemos abaixo (cf. KENNEDY; McNALLY, 2005, p. 358). Embora ligeiramente diferentes, as denotações propostas para os adjetivos totais e parciais de Rotstein e Winter (2004) são similares a estas, com a única diferença que o grau padrão dos adjetivos totais é definido também pela relação parcial \geq :

- (38) a. $[[\text{pos } \mathbf{A}_{\text{relativo}}]] = \lambda x_e. \exists d[\text{ESCALA}_{\text{Adjetivo}}(x,d) \ \& \ d \geq d^{\text{padr\~ao}}]$
 b. $[[\text{pos } \mathbf{AAbs}_{\text{max}}]] = \lambda x_e. \exists d[\text{ESCALA}_{\text{Adjetivo}}(x,d) \ \& \ d = \text{max}(EA)]$
 c. $[[\text{pos } \mathbf{AAbs}_{\text{min}}]] = \lambda x_e. \exists d[\text{ESCALA}_{\text{Adjetivo}}(x,d) \ \& \ d \geq \text{min}(EA)]$

Para que (37) vire (38), isto é, que funções de tipo <ed> virem funções de tipo <et>, basta que *pos* funcione como uma função de identidade na composição com os absolutos e que ligue existencialmente o grau referencial (cf. 37).

- (39) $[[\text{pos } \mathbf{AAbs}]] = \lambda G_{\text{cd}}. \lambda x_e. \exists d[P(x)(d)]$

O núcleo funcional de *pos* permanece: é uma função de predicados de grau a predicados de indivíduos, contudo, apenas na modificação de adjetivos relativos ele precisa introduzir o grau de comparação a partir do contexto, enquanto na composição com adjetivos absolutos ele só precisa garantir que o grau que irá saturar o grau pedido pelo predicado gradual denotado pelo adjetivo absoluto seja o próprio grau dado pela entrada lexical.

O leitor poderá ficar cético em relação a todas essas operações necessárias para derivar a composição de sentenças cuja superfície parece tão simples. Como afirma Kennedy (2007): “[...] é um tanto paradoxal que a forma morfosintaticamente mais simples de um predicado gradual seja a mais difícil de se caracterizar adequadamente nos termos de uma análise semântica composicional”¹⁸ (tradução minha). E isso só nos mostra o quão interessante é o tema.

Se a semântica desses adjetivos é essa (*i.e.*, o padrão dos adjetivos relativos é contextual, enquanto o dos absolutos é lexical), qual é a contribuição de modificadores como *completamente* e *ligeiramente*? Se o grau que *completamente* pega é o grau máximo na escala, qual a diferença semântica entre (40a) e (40b)? Afinal, de acordo com a entrada lexical em (38b), um adjetivo absoluto de grau máximo é uma função que mapeia o seu argumento no grau máximo da escala do adjetivo.

¹⁸ No original “[...] it is a bit paradoxical that the most morphosyntactically simple form of a gradable predicate turns out to be the hardest to adequately characterize in terms of a compositional semantic analysis”. [sem paginação no original]

- (40) a. O arame está reto.
 b. O arame está completamente reto.

Passemos às respostas.

3 A semântica dos modificadores

O desafio que está posto é entender por que modificadores como *completamente* são sensíveis a limites máximos, enquanto aqueles como *ligeiramente* são a padrões mínimos. Isso quer dizer que eles detectam o padrão dos adjetivos, ou seja, esses modificadores são capazes de “ver” como a escala se estrutura.

Olhando com mais cuidado os modificadores, Rotstein e Winter (2004) percebem que *slightly* prefere adjetivos com padrão mínimo (41), embora se combine também com alguns de padrão máximo, caso de *open/closed* em (42a) e *dry* em (42b). Pelas glosas vemos que o mesmo ocorre em português.

- (41) a. The work is slightly incomplete/*complete.
*O trabalho está ligeiramente incompleto/*completo.*
 b. The argument is slightly imperfect/*perfect.
*O argumento está ligeiramente imperfeito/*perfeito.*
- (42) a. The door is slightly open/closed.
A porta está ligeiramente aberta/fechada.
 b. The towel is slightly wet/dry.
A toalha está ligeiramente seca/molhada.

O que acontece em (42a) já vimos anteriormente. O caso complicado é (42b). A menos que *seco/molhado* seja um par em que *seco* tenha também um padrão mínimo ao lado de um máximo, precisaríamos explicar porque *ligeiramente* está modificando esse adjetivo sem anomalia. A minha intuição é que uma toalha ligeiramente seca não está seca. Assim, é como o caso que vimos anteriormente com *seguro/inseguro* em (30). Uma alternativa seria imaginar que a leitura de atenuação viria por violação da Máxima da Qualidade. O predicado *ligeiramente seco* aplicado à toalha na situação levaria ao falso, pois não

há um grau mínimo na escala de seco, apenas um máximo, o que leva o ouvinte a inferir que o falante está fazendo uma atenuação, ao invés de usar a forma mais forte: *a toalha está molhada*. Ou ainda, como vimos acima, o falante poderia estar pressupondo um padrão funcional (SOLT, 2011) – que não vemos expresso linguisticamente, mas que poderia ser inferido do contexto.

Veja que os dados abaixo parecem confirmar a análise de atenuação. Se *ligeiramente* é uma atenuação, *slightly dry* deveria gerar alguma anomalia ao ser seguida por *completely dry*. As sentenças em (43) soam contraditórias. Isso quer dizer que *ligeiramente A* acarreta *não completamente A*.

- (43) a. #The door is slightly closed, and it is completely closed.
 #A porta está ligeiramente aberta, e está completamente fechada.
- b. #The towel is slightly dry, and it is completely dry.
 #A toalha está ligeiramente seca, e ela está completamente seca.

Por sua vez, *completamente A* parece significar (ou implicar) “nenhum grau do oposto da escala”. Para os autores, isso se reflete no contraste em (44). Mas note que (44b), na verdade, é boa na leitura mereológica, e na leitura gradual ela deveria ser anômala, pois não há um grau máximo de umidade que uma toalha pode exibir.

- (44) a. #As duas toalhas estão completamente secas, mas a azul está mais seca que a vermelha.
- b. As duas toalhas estão completamente molhadas, mas a azul está mais molhada que a vermelha.

Assim, vemos que os modificadores possuem cada um duas leituras. *Completamente* possui uma leitura gradual e uma mereológica; *ligeiramente* possui uma leitura gradual e uma leitura de atenuação. Aparentemente, esta última não prevista para sua contraparte em inglês, *slightly*. Se possui, Rotstein e Winter (2004) não atentaram para ela, tampouco Kennedy (2007) ou Solt (2011).

Partindo agora para uma discussão mais formal, na proposta de Kennedy (1997) os modificadores graduais são relacionais. Vimos que *pos*, em essência, é uma relação, “maior ou igual”, entre dois graus, o

grau de referência e o grau padrão. Assim, podemos nos perguntar que tipo de relação os maximizadores e os minimizadores expressam.

Na proposta de Rotstein e Winter (2004), a denotação de *completamente* é como vemos em (45a) – na minha leitura, pois a notação deles é diferente. Como comparação, a entrada lexical em (45b) é a oferecida por Kennedy e McNally (2005), que tem a mesma intuição, mas esse grau ao final da escala é o grau máximo. Afinal, como vimos, esse modificador seleciona semanticamente os absolutos de grau máximo.

- (45) a. $[[\text{completamente } A]] = \lambda x_c. \exists d[A(x,d) \ \& \ d = d \text{ no final da escala de } A]$
 b. $[[\text{completamente } A]] = \lambda x_c. \exists d[A(x,d) \ \& \ d = \max \text{ na escala de } A]$

Pelo formalismo em (45a), a função do modificador é expressar a relação de igualdade entre o grau que o indivíduo possui, o grau referencial, e um grau d , que é o grau ao final da escala. Os autores não se comprometem com a existência de graus máximos na definição do modificador.

Note que essas denotações são problemáticas: se para a semântica dos absolutos de grau máximo precisamos que eles tenham o grau máximo para derivar as condições de verdade no uso simples, como explicar que a modificação por *completamente* não soe redundante? Nossa impressão é que essa questão fica negligenciada nesses dois estudos.

Isso nos dá duas opções: há algo errado com a denotação dos adjetivos graduais absolutos de padrão máximo ou a semântica de *completamente* não pode ser nenhuma das opções em (45). Uma alternativa é assumir que a leitura de que um indivíduo possui o grau máximo na escala do adjetivo é uma inferência pragmática.

Uma evidência nesse sentido é que essa inferência, aparentemente, pode ser cancelada, por isso sentenças como (46) não são anômalas nem redundantes.

- (46) a. O arame está reto, e na verdade está completamente reto.
 b. A toalha está seca, e na verdade está completamente seca.

Casos como (47), que para Rotstein e Winter (2004) são levemente marginais (a contraparte em inglês, claro), são outra evidência disso.

(47) O arame está reto, mas não completamente reto.

A possível marginalidade pode ser atribuída à reinterpretação da sentença: temos que cancelar a inferência de que o arame está no grau máximo na escala de reto. Para os autores, o problema da leve estranheza da sentença é que o padrão máximo desses adjetivos é igual ao padrão mínimo no outro polo da escala. Se a transição é natural, esse tipo de sensação deveria ser comum, explicando os casos de imprecisão também. Afinal, se o grau que o indivíduo exhibe está localizado exatamente na transição, os julgamentos deveriam ser confusos.

Podemos assumir, então, que a denotação de um adjetivo dessa classe tenha como padrão um grau máximo, claro, mas que a relação entre o grau que o indivíduo exhibe e o padrão não é uma função total, mas uma função parcial também, como é o caso dos adjetivos de padrão mínimo.¹⁹

(48) $[[\text{pos AAbs}_{\max}]] = \lambda x_c: \exists d[d \geq \max(EA)]. \text{ESCALA}_{\text{Adjetivo}}(x,d)$

Note que isso não apaga a diferença entre os dois tipos de adjetivos absolutos, pois o padrão continua sendo um grau mínimo ou um grau máximo. A diferença fica por conta da inferência que os absolutos dispõem no uso sem modificação: o grau que o indivíduo exhibe é o máximo da escala e que na entrada lexical em (48) está como um pressuposto.

Vejam agora a semântica do atenuador. A entrada lexical, na minha leitura, oferecida por Rotstein e Winter (2004), é dada em (49a). Segundo os autores, *slightly* identifica um intervalo aberto no início da escala do adjetivo. Kennedy e McNally (2005) não dão a entrada lexical do atenuador, mas sugerem que ele identifique um grau mínimo na escala do adjetivo. Assim, suponhamos que seja como (49b).

(49) a. $[[\text{ligeiramente A}]] = \lambda x_c. \exists d[A(x,d) \ \& \ d = \text{um intervalo no início da escala de A}]$

b. $[[\text{ligeiramente A}]] = \lambda x_c. \exists d[A(x,d) \ \& \ d = \text{min na escala de A}]$

O contraste relevante a ser capturado aqui é entre (50a) e (50b). Como temos um adjetivo de grau mínimo, qualquer grau de impureza já torna (50a) verdadeira. De acordo com (49b), seria de se esperar que *ligeiramente A* fosse redundante, o que vimos não acontecer.

¹⁹ Na fórmula, $\max(EA)$ deve ser entendido como uma função que leva a um intervalo positivo na escala do adjetivo, não a um grau (ou um ponto) na escala.

- (50) a. A solução está impura.
 b. A solução está ligeiramente impura.

Para esse caso, a proposta de Rotstein e Winter (2004) me parece ser a que está na direção correta. Contudo, podemos colocar uma restrição adicional, a de que esse intervalo precisa ser curto, não apenas qualquer intervalo no início da escala do adjetivo de grau mínimo. De outra forma, a contribuição proposicional de *ligeiramente*, de acordo com (49a), seria praticamente nula. Assim, a denotação reformulada ficaria como vemos em (51).

- (51) $[[\text{ligeiramente A}]] = \lambda x_c. \exists d[A(x,d) \ \& \ d = \text{um intervalo curto no início da escala de A}]$

“Um intervalo curto” não resolve muito a semântica do atenuador. Sendo mais preciso, podemos supor que aqui entraria a contribuição do adjetivo base do advérbio. *Ligeiramente* poderia ser interpretado como um predicado de intervalos, com a significação concreta do adjetivo *ligeiro* enfraquecida para que possa exercer essa função mais gramatical. Ele seria, então, um predicado de graus/intervalos, como vemos formalmente em (52):

- (52) $[[\text{ligeiramente A}]] = \lambda x_c. \exists d[A(x,d) \ \& \ d = \text{min(EA) \ \& \ CURTO(d)}]$

Como vimos, *ligeiramente* também possui a característica de poder se combinar com adjetivos relativos. Isso mostra que esse modificador pressupõe que a escala tenha um limite mínimo, mesmo que dado contextualmente e não que o padrão do adjetivo seja um grau mínimo. Isso explicaria porque a combinação com adjetivos de grau máximo gera anomalia, disparando uma implicatura de atenuação. Em *ligeiramente seguro* teríamos um conflito com a pressuposição do adjetivo de grau máximo: o indivíduo exibe o grau máximo da propriedade na escala do adjetivo. Para salvar a estrutura o falante olharia para o outro lado do polo, o início da escala em que *inseguro* começaria.

Note que poderíamos estender essa análise também para o significado de *completamente*, supondo, como Kennedy e McNally (2005) sugerem em nota, que o significado de “grau máximo na escala de A” tenha surgido como uma implicatura a partir do significado literal

“todas as partes de x são A”, isto é, estamos diante de uma ambiguidade lexical.

$$(53) [[\text{completamente A}]] = \lambda x_e. \exists d[A(x,d) \& \text{COMPLETAMENTE}(d)]$$

Fica em aberto a questão do componente que estamos chamando de pressupositional em (48): por que ele não se projetaria na estrutura em (53)? Vamos assumir que *pos* e *completamente* ocupem a mesma posição sintática, são argumentos do adjetivo, e que a pressuposição só surgiria como uma inferência convencional no uso não modificado de adjetivos graduais absolutos de grau máximo. Note que se ela for um componente da semântica desse tipo de adjetivo, por que não vemos redundância em expressões como *completamente reto*? Por ora, é a explicação que gostaríamos de oferecer.

Considerações finais

Utilizando uma abordagem para o tratamento da gradação e da modificação gradual que assume a existência de graus na ontologia, acreditamos ter mostrado que a distinção entre adjetivos graduais relativos e graduais absolutos é também gramaticalmente relevante em português brasileiro. Contudo, mostramos que há algumas diferenças em relação ao previsto pela literatura. A primeira é que adjetivos graduais relativos permitem modificação por minimizadores na leitura gradual; a segunda é que os pares de adjetivos que geram escalas fechadas podem ser divididos em dois conjuntos: os que possuem transição natural (*aberto/fechado*) e os que possuem lacuna extensional (*cheio/vazio*).

Na análise das diferentes classes vimos que os modificadores que identificam os subtipos são sensíveis ao padrão requerido (se máximo ou mínimo), evidenciando que eles são capazes de “ver” como a escala do adjetivo se estrutura. Isso implica que a seleção semântica que esses modificadores fazem é mais fina do que simplesmente selecionar adjetivos graduais e não-graduais (adjetivos que resistem a qualquer tipo de modificação gradual, como vimos na seção 1.1) e que eles parecem ser argumentos do adjetivo. Assim, os adjetivos é que fariam seleção dos modificadores e não o oposto. Note que a visão tradicional, pelo menos sintaticamente, é entender esses modificadores como adjuntos do SA (e adjunto não é uma categoria que costuma fazer seleção semântica) e não como argumentos do adjetivo.

Também mostramos que o maximizador *completamente* possui duas leituras, uma mereológica e outra gradual. Kennedy e McNally (2005) sugerem que a leitura gradual pode ter surgido como uma implicatura da leitura mereológica (mais concreta, em certo sentido). Por sua vez, o minimizador *ligeiramente* produz também dois tipos de leituras: uma de grau mínimo e uma de atenuação (via implicatura).

Na última seção discutimos a semântica dos modificadores, objetivando explicar as interpretações resultantes dos testes. Vimos que a semântica normalmente atribuída para os adjetivos (em sentenças simples) entra em conflito com a semântica necessária para derivar as condições de verdade das sentenças com os modificadores. Sugeri que no caso dos adjetivos absolutos com padrão máximo esse grau é um pressuposto, não parte da entrada lexical, como proposto por Kennedy e McNally (2005) e Kennedy (2007).

No caso de *ligeiramente*, que se combina com adjetivos absolutos de padrão mínimo, vimos que o grau que esse modificador requer, na verdade, é um intervalo curto no início da escala, não qualquer intervalo no início da escala do adjetivo. E, por fim, vimos que o caso de *ligeiramente* é mais geral, pois ele também é capaz de modificar adjetivos relativos. Embora esse grau provenha quase sempre do contexto, ele é regular, sempre está lá. O que é contextual é o lugar da escala em que ele se situa.

Agradecimentos

O autor gostaria de agradecer ao Gabriel de Ávila Othero por ter lido e comentado uma primeira versão deste artigo; aos participantes do Seminário de Teoria e Análise Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujos comentários e dúvidas na apresentação de outro trabalho motivaram uma boa parte deste estudo; e aos dois pareceristas anônimos que leram atentamente o artigo e fizeram comentários que me fizeram esclarecer pontos cuja redação estava obscura e a redimir alguns problemas nas fórmulas e no texto.

Referências

BURNETT, Heather. A Delineation Solution to the Puzzles of Absolute Adjectives. *Linguistics & Philosophy*, v. 37, p. 1-39, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10988-014-9145-9>

- CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. *Introdução à semântica lexical*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- CRUSE, David. Antonyms and Gradable Complementaries. In: KASTOVSKY, D. (Ed.). *Perspektiven der Lexikalischen Semantik: Beiträge zum Wuppertaler Semantikkolloquium vom 2-3, Dec. 1977*. Bonn: Bouvier, 1980. p. 14-25.
- CRUSE, David. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- DEMONTE, Violeta. Adjectives. In: von HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, (Ed.). *Semantics: an International Handbook of Natural Language Meaning*. Berlin: Walter de Gruyter, 2011. p. 1314-1340.
- DOETJES, Jenny. Adjectives and degree modification. In: KENNEDY, C.; McNALLY, L. (Org.). *Adjectives: Syntax, Semantics and Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 123-155.
- HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in Generative Grammar*. Blackwell, 1998.
- KENNEDY, Christopher. *Projecting the Adjective*. 1997 Dissertation (PhD) – University of California at Santa Cruz, 1997.
- KENNEDY, Christopher. Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 30, n. 1, p. 1-45, Feb. 2007. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10988-006-9008-0>
- KENNEDY, Christopher; McNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0071>
- KLEIN, Ewan. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 4, p. 1-45, 1980. Doi: <https://doi.org/10.1007/BF00351812>
- LASERSOHN, Peter. Pragmatic halos. *Language*, v. 75, n. 3, p. 522-551, 1999. Doi: <https://doi.org/10.2307/417059>
- LEHER, Adrienne. Markedness and antonymy. *Journal of Linguistics*, v. 21, n. 2, p. 397-429, Set. 1985. Doi: <https://doi.org/10.1017/S002222670001032X>

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. I.

PINKAL, Manfred. *Logic and lexicon*. Dordrecht: Kluwer, 1995.

QUADROS GOMES, Ana Paula. *O efeito grau máximo sobre os domínios: como ‘todo’ modifica a relação argumento-predicado*. 2009. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

QUADROS GOMES, Ana Paula. Uma proposta de distinção semântica para os intensificadores ‘muito’ e ‘bem’. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 40, v. 1, p. 379-394, jan.-abr. 2011.

QUADROS GOMES, Ana Paula. Modificadores de adjetivos de grau em PB. In: SIMELP - A FORMAÇÃO DE NOVAS GERAÇÕES DE FALANTES DE PORTUGUÊS NO MUNDO, III. 2012, Macau (CHN). Simpósio 5: O português falado no mundo: investigações sobre a oralidade da língua portuguesa. *Anais...* Macau: Universidade de Macau, 2012. p. 5-1-5-11.

ROTSTEIN, Carmen; WINTER, Yoad. Total adjectives vs. partial adjectives: Scale structure and higher-order modifiers. *Natural Language Semantics*, v. 12, p. 259-288, 2004. Doi: <https://doi.org/10.1023/B:NALS.0000034517.56898.9a>

SOLT, Stephanie. Comparison to arbitrary standards. In: SINN AND BEDEUTUNG, 16., 2011, Utrecht. *Proceedings...* Utrecht: Utrecht University, 2011. p. 557-570.

TOLEDO, Assaf; SASSOON, Galit. Absolute vs. relative adjectives: variance within vs. between individuals. In: SALT: SEMANTICS AND LINGUISTIC THEORY CONFERENCE, 21., 2011. New Jersey. *Proceedings...* New Jersey: Rutgers University in New Brunswick, 2011. p. 135-154.

Van ROOIJ, Robert. Vagueness in linguistics. In: RONZITTI, G. (Ed.). *Vagueness: a guide*. Berlin: Springer, 2011. p. 123-170.

von STECHOW, Armin. Comparing Theories of Comparison. *Journal of Semantics*, Oxford University Press, v. 3, p. 183-199, 1984.